



AVE MARIA

ANO LXVI NÚMERO 8

• São Paulo, 25 de Abril de 1965

Primeira Concelebração feita em São Paulo.
Matriz de N. Sra. do Carmo, da Acclimação.

AGRADECEM FAVORES

A N. Sra. das Dores, Edith Franco Manuel, de Bauru — Ao Senhor Bom Jesus, Conceição Losila, de Birigui — A São Judas e São Dimas, uma devota, de Guariba — A São Domingos Sávio, Maria José Melo, de Capivari — Ao Sagrado Coração de Jesus, Lida Cerradi, de Pinhal — Ao Pe. Anchieta e ao Pe. Dehon, Benedita de Godoy, de Itatiba — A N. Senhora, Ausenda Carleti Lenzi, de Amparo — A Nossa Senhora, Maria José Barbosa, de Belo Horizonte — A São Martinho de Porres, Helena Volta Bastos, de São Paulo — A Santa Rita de Cássia, Maria Andere, de Pouso Alegre — A São Judas e a Santa Rita, Maria Caputo, de Bebedouro — Ao Sagrado Coração de Jesus, Isaura Maia Alves, de Bocaina — A N. Sra. Auxiliadora e ao Pe. Dehon, Maria Amélia Delião, São Paulo — As benditas almas do purgatório, Jacira Vavego Ambrósio, de São Carlos — A N. Sra. da Consolação, Josefa Ingleses, de Belo Horizonte — Ao Coração de Maria, Eunice Lanhoso de Matos, de Itatiba — Ao Pe. Dehon, Maria Sales Vanni, de São Paulo — A Santa Rita, Maria Limongi, de Guaratinguetá — Ao Coração de Maria, Uma devota, de Pindamonhangaba — A N. Sra. da Consolação e a São José, M. L. Bhering — A Santa Rita de Cássia, Gertrudes Portela, de Itapetininga — Ao Coração de Jesus e a N. Sra. da Conceição, Ivone Caldas de Moura, de Belo Horizonte — A São José e a Santa Teresinha, Maria Amarante de Oliveira, de Belo Horizonte — Alda Alvares Tôrres Botelho, a São Lucas, de Belo Horizonte — A Santa Marta, Jesuína Francisca de Jesus, de Belo Horizonte — A Frei Gaspar Bertoni, Cinira de Siqueira, de Campinas — A Santa Rita de Cássia, Sara del Soldato, de São Paulo — Ao Coração de Maria, Clara Camargo Barros, de Itu — A N. Sra. de Fátima, Alice Aigar, de São Paulo — Ao Coração de Maria, Celina de Abreu Pietscher, de São Paulo — A N. Sra. Aparecida, Raimunda Moreira, de Belo Horizonte; Geralda Dias Lopes, de Jacareí; Lázara Teixeira, de Pedregulho; Jacira Guimarães Pontes; Ana Teresa Arantes Rocha e Sara del Soldato, de São Paulo; Marciano Andrade de Moraes, de Piracicaba e Maria Bulognini, de Botucatu — Ao Santo Padre Pio XII e a João XXIII, Carmen Santos, de Jacareí; Assinante de Belo Horizonte; Cinira Silva Palhares Ribas, de Itu; Arlete Corrêa Pacheco, do Rio de Janeiro; Lourdes Costa, de Vitória; Helena Volta Bastos, de São Paulo e Rubens Moreira, do Rio de Janeiro. A Nossa Senhora, Daniel Ribeiro, de São Paulo e Margarida Lemos, de Carmo do Rio Claro.

FALECERAM NA PAZ DO SENHOR

Em BELO HORIZONTE, D. Noêmia Versiani Veloso, mãe do Revmo. Côn. José Francisco, Vigário em Ouro Preto. Em SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, D. Ana Raddi. Em CÁSSIA, D. Ana do Carmo. Em MOGI DAS CRUZES, D. Maria Luisa de Mello Cortes. Em JACAREÍ, D. Alzira Neves. Em TREMEMBÉ, D. Maria da Glória Freitas. Em BRAGANÇA, D. Maria Teresa Guerra. Em ATIBAIA, Sr. Ludgero Corrêa Malheiros. Em LAVRAS, D. Alice Haddad. Em GUARATINGUETÁ, D. Maria Rosa Marcondes Guimarães. Em ESTRÉLA, D. Josefina Diel. Em MATOZINHO, D. Luzieta Gonçalves. Em Dr. LUND, D. Leodomila de Assis. Em MONTES CLAROS, D. Ambrosina Martins. Em FORMIGA, D. Diva Neves de Carvalho. Em ALEGRETE, Sr. Nelson Laydner e D. Antonieta Bataglia Orvath. Em LAVRAS, D. Stela Matutina Andrade. Em SÃO JOÃO DEL REI, D. Clara Aparecida. Em PIRAJU, Sr. Naby Assaf. Em IGUATAMA, D. Raimunda Bessa Oliveira. Em MORRO ALTO, D. Jacinta Pena dos Santos. Em RIO DE JANEIRO, D. Maria Marques Martins, Sr. Mariano Martins, D. Maria Freire e Sr. Nestor Penha Brasil. Em SANTOS, D. Maria Matilde Car-

valho. Em BELO HORIZONTE, D. Ambrosina Oliveira, Pe. Dr. Afonso Passmann, D. Carmelita de Oliveira. Em CAETÉ, Sr. José Rodrigues de Aquino e D. Eni Guerra de Oliveira.

AVE MARIA

ANO LXVI ★ NÚMERO 8
São Paulo, 25 de Abril de 1965.

Diretor:

Pe. José de Matos, C.M.F.

ASSINATURAS:

Anual Cr\$ 1.500

Número avulso . . . Cr\$ 80

RED. E ADMINISTRAÇÃO

R. Jaguaribe, 761 - Caixa 615

OFICINAS:

R. Martim Francisco, 646-656

Telefone 52-1956 - São Paulo

— PADRES CLARETIANOS —

AVISOS

Os Irmãos Propagandista da "AVE MARIA" visitarão as localidades seguintes:

Presidente Epitácio, Presidente Wenceslau, Presidente Bernardes, Álvares Machado, Presidente Prudente, Regente Feijó, Anhumas, Indiana, Martinópolis, Rancharia, Quatá, Paraguaçu Paulista, Assis, Cândido Mota, Palmital, Ibirarema e Salto Grande.

São Carlos, Ribeirão Bonito, Dourado, Boa Esperança do Sul, Bocaina, Brotas, Torrinha, Dois Córregos, Mineiros do Tietê, Jaú, Itapuí, Bariri, Itaju, Ibitinga, Novo Horizonte, Borborema, Itápolis, Taquaritinga, Santa Ernestina, Dobrada, Matão, Araraquara e Rincão.

Uberaba, Uberlândia, Araguaari, Ituiutaba, Patrocínio, Patos de Minas, Sacramento, Monte Carmelo, Conceição das Alagoas, Conquista e Guaxima.

MANÁ DAS CRIANÇAS

(CATECISMO EXPLICADO)

Catecismo dos Bispos do Brasil, sob título mencionado. A mãe não pode oferecer a um filho presente melhor do que este: o caminho do céu explicado... "Maná das Crianças" compreende 335 páginas e 200 exemplos apropriados ao assunto.

End.: Fundação Santa Terezinha,
Rua Iguatemi, 564 — Fone 80-2694
São Paulo

CURSO GRATUITO

Garanta o seu futuro especializando-se em ADMINISTRAÇÃO DO PESSOAL. Moderno e especializado sistema de ensino por correspondência para auxiliares de pessoal, que NADA LHE CUSTARÁ.

Prof. OSWALDO A. RENTES

R. Jumana, 215 (Moóca)
SÃO PAULO — Z.P. 13

Como Ímã Celeste

(Para a "AVE MARIA")



I, quando menino, um emocionante romance de ficção científica, no qual aventureiros sábios, transformando o deserto do Saára em gigantesco ímã, conseguiram atrair a Lua até a Terra, para suas fantásticas experiências.

Um imprevisto acidente de última hora, quando já o grande satélite estava a chocar-se com a Terra, fazia com que, ao invés, o audacioso laboratório e todos os seus homens fossem projetados na Lua, de onde a viagem de retorno foi difícil problema, que constituía toda a trama do livro, afinal terminado em solução feliz...

Quanto desejaríamos ser donos de um ímã poderoso, que até nós atraísse o Céu, e fizesse descer Deus!

* * *

Ora, nós o temos.

Somos capazes de obrigar Nosso Senhor a realizar essa viagem desejada até nosso coração.

Recebê-Lo, hospedá-Lo, transformar nosso coração em santuário onde Ele estabeleça a sua morada deliciosa.

Foi o próprio Jesus quem nô-lo ensinou, ao dizer-nos em seu Evangelho: "Se alguém me ama, meu Pai o amará, e a êle viremos e nêle estabeleceremos nossa morada (Jo. 14, 23)".

O Amor é, assim, o ímã poderoso que atrai com segurança ao Senhor, para dentro de nosso coração.

* * *

Ele virá, e completando maravilhosamente nossa aventura celeste, nós conheceremos em plenitude os segredos profundos de seu amor: "Aquêle que me ama, Eu o amarei também, e Me manifestarei a êle (Jo. 14, 21)".

E com maior felicidade do que a dos sábios ansiosos por desvendar os mistérios dos astros, nós contemplaremos o Senhor com luzes transcendentais e angélicos fulgores.

Se, também na terra, para conhecer bem é preciso amar deveras, pois é o coração que ilumina todos os caminhos da inteligência, tanto mais na santa ambição de conhecer a Deus, será o Amor, sempre, a luz que nos há de revelá-Lo, venturosamente...

* * *

Ele ensinou a maneira de amar.

"Se alguém me ama, guardará minha palavra. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras (Jo. 14, 24)".

A Palavra é o Evangelho.

O testamento de sabedoria e de virtudes que aprendemos sempre.

Pois, ao abrir o Livro Sagrado, deparamos o claro ensinamento do Mestre acerca do que temos de crer e do que havemos de praticar.

O Pai e o Filho e o Espírito Santo. A Encarnação e a Redenção. A Igreja e a Graça. A Virgem Mãe de Deus e Mãe Nossa. A Fé, a Confiança e o Amor. Os mandamentos e as Bem-aventuranças. O que Ele disse e o que Ele fez, a fim de que acolhamos as suas palavras e imitemos os seus exemplos.

Essa é a condição do amor. Não amamos se não guardamos essas palavras. Mas, se as meditamos e vivemos, nós amamos, e Jesus nos ama e se revela a nós, e o Pai desce até nós, e nos transfiguramos num Paraíso onde mora Deus!

* * *

Maria foi quem melhor amou.

Lua suavíssima que atraiu o Sol.

O maior amor, a mais profunda união.

Ela guardou a Palavra, meditando-a em seu Coração, Ela encerrou o Verbo no intocado santuário de seu Seio virginal.

Recebeu a Palavra e a obedeceu como Escrava. Como Escrava de amor.

E tendo atraído Deus a seu Seio, foi arrebatada impetuosamente ao Coração de Deus, onde Ela vive para sempre...

D. ANTÔNIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA

Resoluções

CONJUNTAMENTE com o XXXVIII Congresso Eucarístico Internacional de Bombaim, celebrou-se lá o III Congresso Mundial das Congregações Marianas.

Nêles foram aprovadas estas seis resoluções:

I. Aprofundar e desenvolver nas C.C. M.M. o sentido de união e colaboração pela oração, ação e caridade, constituindo uma família verdadeiramente mundial e contribuindo, assim, para a atualização da Igreja, nesta fase de renovação espiritual e apostólica.

II. Principal dever, dentro do apostolado típico da liderança do meio familiar, profissional e sócio-político: na vivência interior e no conhecimento da doutrina e da fé católica, no contato com os problemas, principalmente de sua profissão, e aptos a liderar, debater, influir, usando de todos os meios modernos. E pôr à disposição da Igreja e das instituições nacionais e internacionais, homens verdadeiramente bem formados.

III. Só se admitam fundações de C.C. M.M. inteiramente de acôrdo com a Constituição Apostólica "Bis Saeculari" e de outras normas oportunamente dimanadas da Santa Sé. Reforma das C.C. M.M. de acôrdo com os citados documentos dentro de um prazo razoável, findo o qual serão suspensas ou desvinculadas.

IV. As novas Regras das C.C. M.M. atualmente em estudo, deverão conter somente pontos essenciais baseados em sólida doutrina teológica. A critério das Federações, o acréscimo de Regras especiais relacionadas ao respectivo nome, estrutura e apostolado.

V. O DIA MUNDIAL dos Congregados será celebrado no Domingo seguinte à Festa da Anunciação (25 de Março), com características de interioridade, revivendo o espírito de Maria e salientando também a importância do apostolado no campo internacional.

VI. O Congresso voltou a salientar a importância da solidariedade dos Marianos com a Igreja do Silêncio.

Marianas

● ITALIA

O Pe. José Aldama S.J., em sua recente publicação "Maria na vida atual da Igreja" demonstra ser a presença de Nossa Senhora na Igreja de hoje uma verdade histórica e teológica, autenticamente cristã, e não fruto de um "movimento mariano" artificial e supersticioso.

● ALEMANHA

A pinacoteca de Berlim Oriental comprou pelo preço de 200.000 dólares o quadro "Mater Dolorosa", uma das melhores pinturas do artista espanhol El Greco.

● OS MONGES DE TAIZÉ E NOSSA SENHORA

Numa entrevista sobre Nossa Senhora, o secretário do mosteiro protestante de Taizé afirmou que o tema mariano é o mais apropriado para se atingir a união dos cristãos. "Nós — disse ele — os monges de Taizé, já aceitamos os dogmas marianos da Igreja Católica: maternidade divina, imaculada, assunção. Juntamente com Maria, o Espírito Santo volta sempre a nós conduzir com um impulso que chamaríamos pentecostal".

● CONSAGRAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS AO CORAÇÃO DE MARIA

A Associação Reparadora do Imaculado Coração de Maria encetou um grande movimento, solicitando adesões a fim de obter do episcopado norte-americano a consagração oficial dos Estados Unidos a Nossa Senhora. Esta mesma Associação está trabalhando ativamente para que, por ocasião do Concílio, Sua Santidade renove a consagração da Rússia ao Coração de Maria.

● CAPELA DE NOSSA SENHORA NO AEROPORTO DE DUBLÍN

Está sendo construída no aeroporto da capital irlandesa uma capela para os funcionários e os passageiros católicos. Será dedicada a Maria "Rainha dos céus".

● UMA IMAGEM DE MARIA SOBRE O MONTE SAGRADO DO JAPÃO

Por ocasião dos jogos olímpicos de Tóquio, alguns jovens italianos e de outras nacionalidades ofereceram à juventude japonesa uma imagem da Virgem Imaculada para ser erigida sobre o monte Fuji. Apesar das dificuldades e da oposição dos ambientes budistas, o Governo concedeu sua aprovação para a empresa.

O Catolicismo no mundo

A santa Missa cantada em quechua

Germano Quinones, irmão oblato atualmente residente na Bolívia, publicou o texto da missa cantada em quechua — língua falada ainda hoje por vários milhões de indivíduos. A missa, com acompanhamento de música incaica está alcançando notável sucesso e será gravada em disco.

Tanganica: reflexos de reforma litúrgica

Um estudante universitário de Dar-es-Salaam assim comentou a reforma da liturgia em seu país: "Naturalmente, é uma coisa maravilhosa que hoje possamos entender o sentido das orações usadas na santa missa. Mas para ser sincero, o que me torna ainda mais feliz é que esta reforma litúrgica tenha introduzido a nossa língua nacional na mais importante cerimônia da Igreja. Creio que isto ajuda a aproximar da Igreja a nossa nação. O uso da nossa música africana tornará a missa ainda mais querida

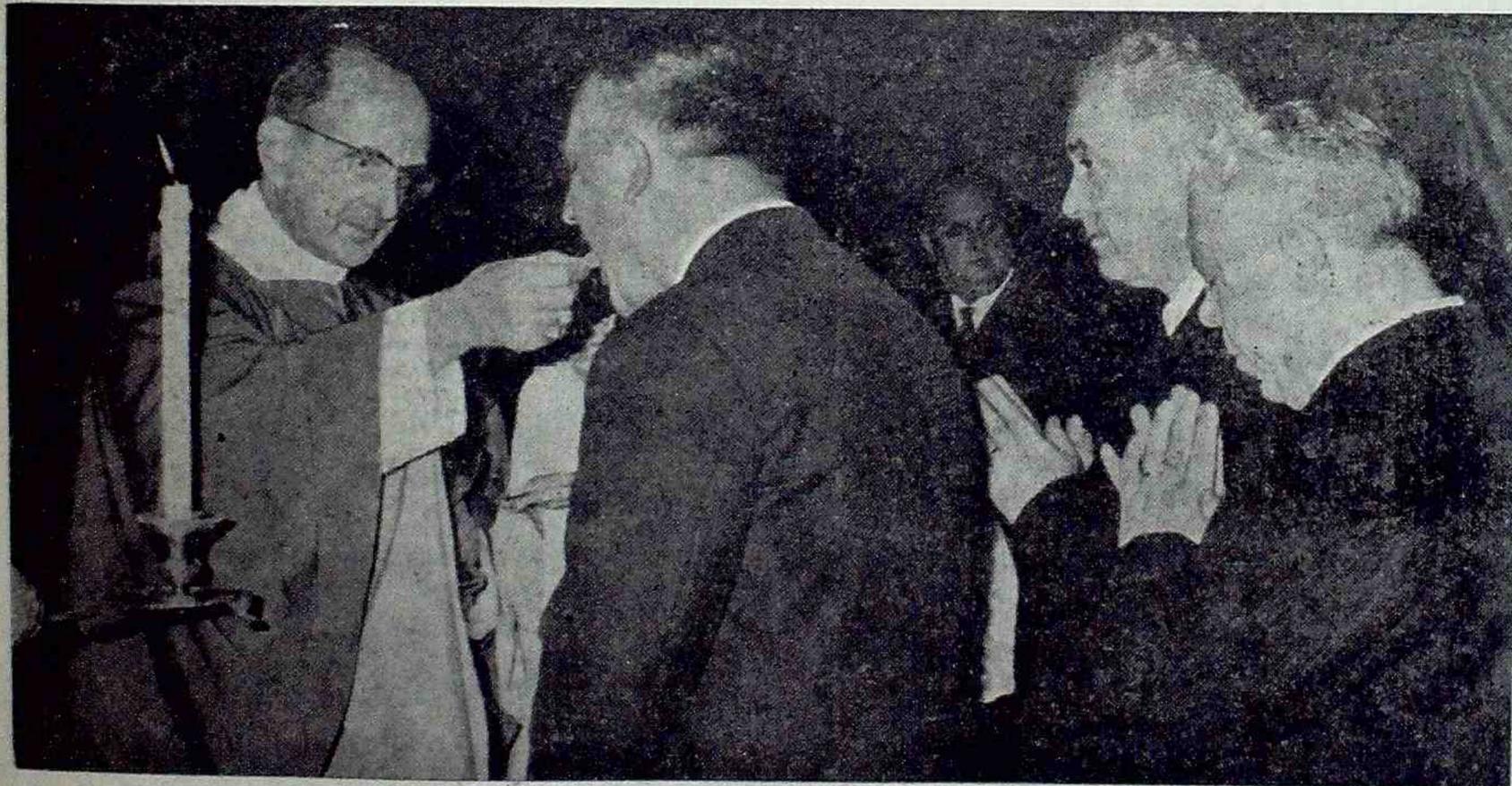
e compreendida. Para todos nós, será um verdadeiro prazer ir à Igreja".

Reforma

Como resultado dos debates havidos na aula conciliar a Cúria Romana vai passando por uma série de reformas profundas em seus organismos todos. Haverá maior internacionalização do pessoal destes órgãos supremos, mediante os quais o Papa governa a Igreja. Acredita-se seja criada uma Congregação (isto é, ministério pontifício) para assuntos dos Leigos. Sua direção, pensam alguns, seria confiada ao Cardeal Cardjin, fundador da JOC internacional.

Missa na arena

Um grande circo que percorre as cidades do mundo ofereceu, no Ceilão, seu picadeiro aos missionários católicos, para que nele armassem o altar para celebração da santa Missa. Nossos irmãos católicos daquele país sofrem atualmente, como esta, outras duras restrições do governo nacional budista.



No passado dia 7 de Maio, quando entraram em vigor as novas modificações litúrgicas, Sua Santidade, o Papa Paulo VI, quis dar pessoalmente o exemplo de fidelidade ao Concílio Ecumênico que visa a adaptação da Igreja aos tempos novos. Dirigiu-se à paróquia romana de Todos os Santos, onde celebrou a santa Missa em italiano, num altar voltado para o povo, e ressaltou o grande significado da Reforma Litúrgica. Os fiéis comungaram de pé.

A Concelebração - Símbolo da Unidade da Igreja

A concelebração, ora reintroduzida no rito latino, é uma das mais belas e antigas tradições da Igreja. Tanto no Ocidente como no Oriente, a missa concelebrada pelo Papa e os Cardeais, ou pelo Bispo e seus sacerdotes, constituía, desde os primeiros séculos até a Idade Média, a mais bela e solene expressão sacramental da unidade da Igreja.

Os ritos orientais e o rito de Lyon (França) conservaram este costume até os nossos dias.

SENTIDO PROFUNDO DA CONCELEBRAÇÃO

A concelebração representa de modo mais perfeito:

- a) A Eucaristia como centro e símbolo da unidade da Igreja e do sacerdócio.
- b) A índole comunitária do sacrifício Eucarístico.
- c) O carácter colegial e ministerial do sacerdócio. O sentido sacerdotal de **serviço**, do qual tanto se fala no Concílio.
- d) A íntima natureza do Sacramento da Ordem e os vínculos fraternais dos sacerdotes entre si e os laços de filiação com respeito ao Bispo, que encontram na Eucaristia celebrada em comum todo o seu dinamismo e sua força.
- e) O mistério da unidade cristã, expresso na ação litúrgica.
- f) O união entre o clero e os fiéis em torno de um mesmo altar e celebrando um mesmo sacrifício.

BENEFÍCIOS PRÁTICOS DA CONCELEBRAÇÃO

Além das razões teológicas acima expostas, a concelebração contribue certamente para aumentar a solenidade e a beleza da santa Missa, constitue um estímulo à piedade sacerdotal e um remédio para o seu isolamento e individualismo.

Para os fiéis, a concelebração vem trazer uma impressão profunda do mistério da Igreja e do Sacerdócio e um aumento de piedade eucarística.

Por último, ao reprimatizar o antiquíssimo rito da concelebração, conservado sempre pelas veneráveis Igrejas do Oriente, a Igreja Latina aplaina o difícil caminho da compreensão e união com a Ortodoxia, criando um novo vínculo de amor, pelo respeito às tradições do passado.

A CONCELEBRAÇÃO NO BRASIL

Em muitas dioceses do Brasil, sobretudo ao ensejo de congressos ou jubileus episcopais ou na missa de 5.^a Feira Santa, foram já realizadas diversas concelebrações.

Os leitores poderão apreciar, pelo clichê da capa de nossa Revista, um dos mais belos momentos da Missa concelebrada em São Paulo, por ocasião do Jubileu de Prata da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, da Aclimação. A missa foi celebrada por Mons. Lino dos Santos Brito e concelebrada por outros vinte e quatro sacerdotes da Capital.

As duas primeiras experiências de concelebração, no Continente Americano, foram feitas, com expressa autorização do Papa, no Seminário de Viamão, Rio Grande do Sul, por ocasião do Encontro Internacional de Teologia e Pastoral, em Julho do ano passado.

A homilia (Const. art. 52)

53. Deve-se fazer a homilia, nos domingos e festas de preceito, em tôdas as missas celebradas com concorrência de fiéis, sem excetuar sequer

- as missas conventuais
- as missas cantadas
- as pontificais.

Nos dias de semana recomenda-se que se faça a homilia,

- sobretudo nas férias do Advento e Quaresma
- e em outras ocasiões em que o povo vier à Igreja em maior número.

Instrução sôbre a

54. Por homilia, que deve fazer-se do texto sagrado, entende-se

- a explicação de algum aspecto da leitura da Sagrada Escritura
- ou de outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia.

que tenha relação com

- o Mistério que se celebra
- ou com as necessidades próprias dos ouvintes.

55. Se forem propostos esquemas de pregação a fazer na Missa por algum tempo, deve guardar-se um íntimo nexa, em harmonia ao menos com os principais tempos e festas do ano litúrgico (cf. Const. art. 102-104) ou com o Mistério da Redenção; a homilia é, com efeito, parte da liturgia do dia.

Oração comum ou dos fiéis (Const. art. 53)

56. Onde já existe o costume de fazer a oração comum ou dos fiéis,

- continue a fazer-se, por enquanto, segundo as fórmulas existentes em cada região,
- antes do ofertório, depois do **Oremus**.
- A essa oração preside o celebrante ou junto da cadeira ou do altar, ou junto das grades.
- As intenções ou preces podem ser cantadas por um diácono, por um cantor ou por outro ministro idôneo,
- reservando-se contudo para o celebrante as palavras da introdução e a oração conclusiva que será, como é costume, a seguinte: **Deus, nosso refúgio e fortaleza** (cf. Missal Romano, Orações diversas, n. 20) ou uma outra especial que mais corresponda às necessidades particulares.

Naqueles lugares onde não é costume fazer-se esta oração comum ou dos fiéis

- a competente autoridade territorial pode decretar que se faça, segundo a forma acima indicada,
- com fórmulas por enquanto aprovadas por tal autoridade.

As partes que podem ser lidas em língua vulgar (Const. art. 54)

57. A competente autoridade eclesiástica territorial, com a prévia aceitação e autorização da Santa Sé, pode autorizar o uso do vernáculo nas Missas quer in cantu quer rezadas que se celebram com concorrência de fiéis:

- a) especialmente nas Leituras, Epístola e Evangelho e ainda na oração comum ou dos fiéis;
- b) também, conforme as condições dos lugares, nos cânticos do Ordinário da Missa, isto é, **Kirie, Glória, Credo, Sanctus-Benedictus e Agnus Dei**;
 - e na antífonas do intróito, ofertório comunhão
 - e nos cantos intermédios das leituras.
- c) Além disso,
 - nas aclamações,
 - nas expressões de saudação
 - nos diálogos,
 - nas fórmulas: **Ecce Agnus Dei; Domine non sum dignus e Corpus Christi**, à comunhão dos fiéis,
 - no **Pater noster** com a introdução e embolismo.

Os missais, que servem para o uso litúrgico, devem conter, além das traduções em língua vulgar, também o texto latino.

58. Sòmente à Sé Apostólica compete conceder o uso do vernáculo noutras partes da Missa que são cantadas ou ditas apenas pelo celebrante.

Sagrada Liturgia

59. Os Pastôres de almas cuidem com zelo
- que os fiéis,
 - especialmente os membros das sociedades religiosas de leigos,
- também saibam dizer e cantar, em latim, as partes do Ordinário da Missa que lhes competem com as melodias mais simples.

Faculdade de repetir a Comunhão no mesmo dia (Const. art. 55)

60. Os fiéis que tiverem comungado
- na Missa da Vigília Pascal
 - e na Missa da Noite de Natal
- podem voltar a comungar
- na segunda Missa de Páscoa
 - e numa das Missas que celebram no dia de Natal.

Encíclica Papal sobre o Mês de Maio

Todo encontro com Maria é um encontro com Jesus — O Concílio e a paz do mundo: intenção de nossas preces a Maria — Nossa Senhora, Mãe da Igreja, esperança e garantia de êxito do Concílio Ecumênico.

“Veneráveis irmãos e diletos filhos, saúde e bênção apostólica.

Ao se aproximar o mês de Maio, consagrado pela piedade dos fiéis a Maria Santíssima, enche-se de prazer o nosso ânimo com o pesamento do comovedor espetáculo de fé e de amor que, dentro em pouco, se oferecerá em tôdas as partes da terra, em honra da Rainha do céu.

Com efeito o mês de Maio é o mês em que, nos templos e nas casas particulares, sobe a Maria, do coração dos cristãos, a mais ardente e afetuosa homenagem de sua oração e de sua veneração. E é também o mês, que, do seu trono, descem até nós os dons mais generosos e abundantes da Divina Misericórdia.

SENTIDO VERDADEIRO DA DEVOÇÃO A MARIA

É-nos, portanto, mui grata e consoladora esta prática tão honrosa para a Virgem e tão rica de frutos espirituais para o povo cristão. Porque Maria é sempre o caminho que conduz a Cristo. Todo encontro com Ela não pode fazer menos do

que terminar em um encontro com o próprio Cristo. E que outra coisa significa o contínuo recurso a Maria senão buscar entre seus braços, nela, por Ela e com Ela, a Cristo nosso Salvador, a quem os homens, nos desalentos e perigos desta vida, têm o dever e experimentam sem cessar a necessidade de se dirigirem como a um pôrto de salvação e fonte transcendente de vida?

SENTIDO ECLESIAL DO MÊS MARIANO

Precisamente porque o mês de Maio nos traz poderoso apêlo a uma oração mais intensa e confiante e porque nêle nossas súplicas encontram acesso mais fácil ao coração misericordioso da Virgem, foi tão querido aos nossos predecessores o costume de escolher êste mês consagrado a Maria para convidar o povo cristão a orações públicas sempre que o requeressem as necessidades da Igreja ou que algum perigo iminente ameaçasse o mundo.

E Nós também, veneráveis irmãos, sentimos nêste ano a necessidade de dirigir convite semelhante ao mundo católico. Se considerarmos, com efeito, as necessidades presentes da Igreja e as condições nas quais se encontra a paz do mundo, temos sérios motivos para crer que esta hora é particularmente grave e que urge, mais do que nunca, fazer um apêlo a um côro de orações de todo o povo cristão.

PRIMEIRA INTENÇÃO — O CONCÍLIO ECUMÊNICO

O primeiro motivo dêste apêlo nô-lo sugere o momento histórico que atravessa a Igreja nêste período do Concílio Ecumênico.

Acontecimento grande êste, que apresenta à Igreja o enorme problema de sua conveniente atualização e de cujo feliz êxito dependerá, durante longo tempo, o futuro da Espôsa de Cristo e a sorte de tantas almas.

Embora seja verdade que grande parte do trabalho já se realizou felizmente, ainda nos aguardam, na próxima reunião, que será a última, graves tarefas. Seguirá depois a fase não menos importante da atuação prática das decisões conciliares, que irá requerer, ademais, o esforço conjunto do clero e dos fiéis para que as sementes lançadas durante o Concílio possam alcançar seu efetivo e benéfico desenvolvimento.

Para obter as luzes e as bênçãos divinas sobre êste acúmulo de trabalho que nos aguarda, colocamos nossa esperança naquela a quem tivemos a alegria de proclamar, no período passado de sessões, Mãe da Igreja. Ela, que nos prodigalizou sua amorosa assistência desde o começo do Concílio, não deixará, certamente, de a continuar até a fase final dos trabalhos.

ORAR TAMBÉM PELA PAZ DO MUNDO

O outro motivo de nosso apêlo é constituído pela situação internacional que, como bem sabeis, veneráveis irmãos, é mais obscura e incerta do que nunca, pois novas e graves ameaças põem em perigo o bem supremo da paz do mundo.

Como se não nos tivessem ensinado nada as trágicas experiências dos dois conflitos que ensanguentaram a primeira metade de nosso século, assistimos hoje ao temível agravamento dos antagonismos entre povos de algumas partes do globo e vemos repetir-se o perigoso fenômeno do recurso à força das armas e não às negociações para resolver as questões que as partes litigantes enfrentam. Isso traz como consequência que povos de nações inteiras estejam submetidos a sofrimentos indizíveis causados pelas agitações, pelas guerrilhas, pelas ações bélicas que se vão estendendo e intensificando cada vez mais e que poderiam constituir de um momento para outro a faísca de um novo e horroroso conflito.

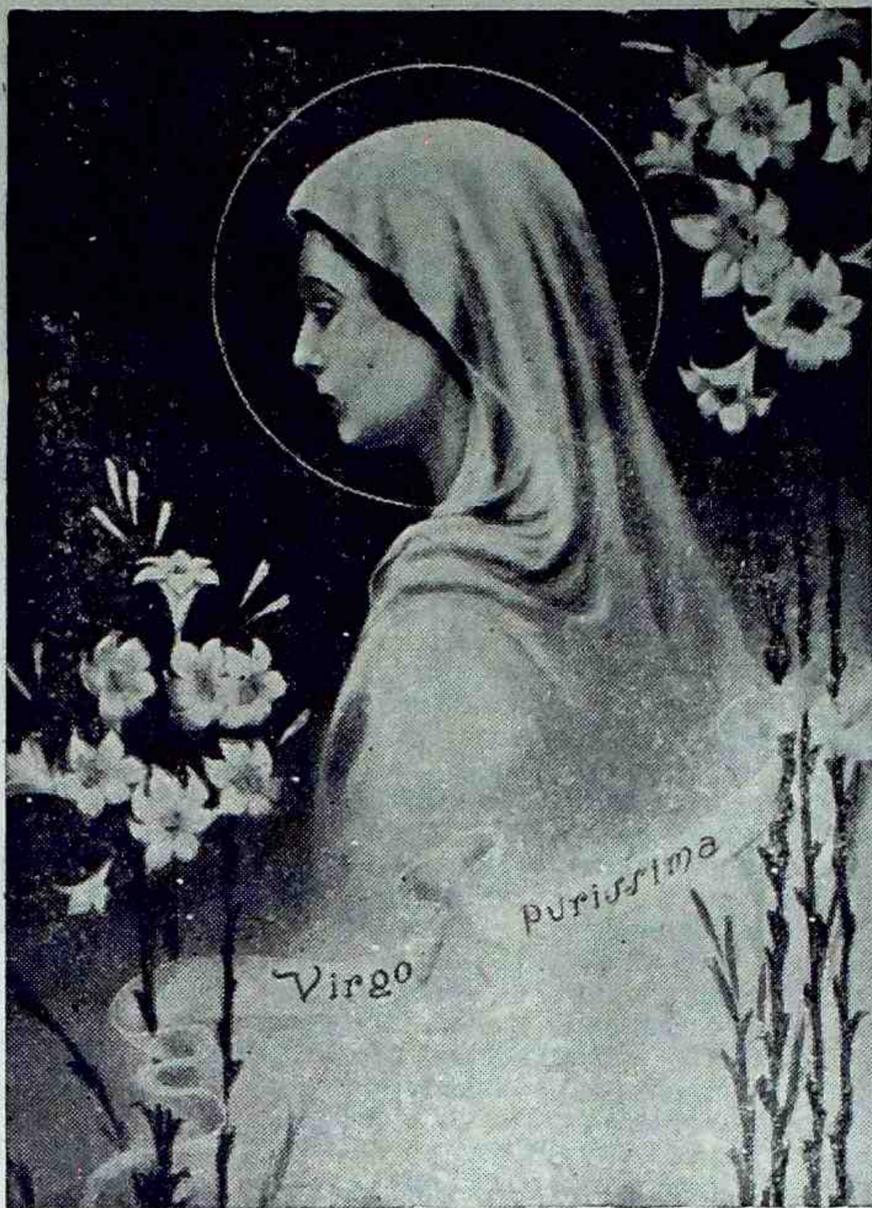
A PAZ É UM DOM DE DEUS

A paz, porém, não é apenas um produto nosso, humano, mas é também um dom de Deus. A paz desce do céu e reinará realmente entre os homens quando, finalmente, tenhamos merecido que nô-la conceda o Senhor Onipotente, o qual, juntamente com a felicidade e a sorte dos povos, tem também em suas mãos os corações dos homens.

Por esta razão, procuremos alcançar êste insuperável bem orando, orando com constância e diligência, como sempre fez a Igreja, desde os primeiros tempos, orando de modo particular com o recurso e intercessão e a proteção da Virgem Maria, que é a Rainha da Paz.

A Maria, pois se elevem neste mês mariano, nossas súplicas para implorar, com aumentado fervor e confiança, suas graças e favores. E se as graves culpas dos homens pesam na balança da justiça de Deus e provocam seu justo castigo, sabemos também que o Senhor é "Pai de Misericórdia e o Deus de toda a consolação" (2 Cor 1,3) e que Maria Santíssima foi por êle constituída administradora e dispensadora generosa dos tesouros de sua misericórdia.

Ela, que conheceu os sofrimentos e as tribulações daqui de baixo, a fadiga do trabalho quotidiano, os desconfortos e as estreitezas da pobreza, as dores do Calvário, socorra, pois, as necessidades da Igreja e do mundo e obtenha de Deus, que domina os ventos e as tempestades, a calma também nas tormentas dos corações que lutam entre si e "dê-nos a paz em nossos dias", a paz verdadeira, a que se funda sobre as bases sólidas e duradouras da justiça e do amor, justiça ao mais fraco não menos que ao mais forte, amor que mantenha longe os extravios do egois-



mo com os quais a salvaguarda dos direitos de cada um degenera em esquecimento ou negação do direito dos outros.

EXORTAÇÃO FINAL

Vós, portanto, veneráveis irmãos, procurai que, durante o mês de Maio, se promovam em cada uma das dioceses e em cada uma das paróquias, orações especiais e que, participadamente, se dedique a festa consagrada à Maria Rainha uma súplica solene e pública pelos fins indicados.

Sabeis que contamos, de um modo especial, com as orações dos inocentes e dos que sofrem, posto que são estas vozes as que, mais do que quaisquer outras, penetram nos Céus e desarmam a justiça divina.

E já que se oferece esta ocasião oportuna, não deixeis de inculcar com todo o cuidado, a súplica do rosário, a oração tão querida à Virgem e tão recomendada pelos Sumos Pontífices.

Com êstes sentimentos e com a esperança de que nossa exortação encontre prontos e dóceis os ânimos de todos, a vós, veneráveis irmãos e a todos vós, os fiéis, concedemos, de coração, a bênção apostólica".

12. O SENSO DA FÉ E OS CARISMAS NO POVO CRISTÃO

O Povo santo de Deus participa também do múnus profético de Cristo, pela difusão do seu testemunho vivo, sobretudo através de uma vida de fé e caridade, e pelo oferecimento a Deus do sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o Seu nome (cf. Heb 13, 15). O conjunto dos fiéis, unidos que são pela unção do Santo (cf. 1 Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se no ato de fé. E manifesta esta sua peculiar propriedade mediante o senso sobrenatural da fé de todo o povo quando, "desde os Bispos até os últimos fiéis leigos", apresenta um consenso universal sobre questões de fé e costumes. Por este senso da fé, excitado e sustentado pelo Espírito da verdade, o Povo de Deus — sob a direção do sagrado Magistério, a quem fielmente respeita — não já recebe a palavra de homens, mas verdadeiramente a palavra de Deus (cf. 1 Tess 2, 13); apega-se indefectivelmente à fé uma vez para sempre transmitida aos santos (cf. Jud. 3); e, com reto juízo, penetra-a mais profundamente e mais plenamente a aplica na vida.

Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus e o orna de virtudes, mas repartindo seus dons "a cada um como lhe apraz" (1 Cor. 12, 11), distribui também entre os fiéis de qualquer ordem graças especiais. Por elas os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para renovação e mais ampla construção da Igreja, segundo estas palavras: "A cada um é dada a manifestação do Espírito para utilidade comum" (1 Cor. 12, 7). Estes carismas, quer eminentes, quer mais simples e mais amplamente difundidos, devem ser recebidos com gratidão e consolação, pois que são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Os dons extraordinários, todavia, não devem ser temerariamente pedidos, nem deles devem presunçosamente ser esperados frutos de obras apostólicas. O juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos que governam a Igreja. A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas e ficar com o que é bom (cf. 1 Tess 5, 12 e 19, 21).

13. UNIVERSALIDADE OU CATOLICIDADE DO ÚNICO POVO DE DEUS

Todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus. Por isso este povo, permanecendo um e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos

os tempos, para que se cumpra o desígnio da vontade de Deus. No começo Deus formou uma só natureza humana e enfim decretou congregar seus filhos que estavam dispersos (cf. Jo. 11, 52). Foi para isso que Deus enviou Seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (cf. Heb. 1, 2), para que Ele fosse Mestre, Rei e Sacerdote de todos, Cabeça do novo e universal povo dos filhos de Deus. Para isso Deus enviou enfim o Espírito de seu Filho, Senhor e Fonte de vida. É Ele que congre-

costumes em que se exprime o gênio próprio de cada povo. Assumindo-os, purifica-os e eleva-os. Pois sabe que deve colher com aquele Rei a Quem os povos foram dados em herança (cf. Sl. 2, 8) e a Cujas cidades trazem dons e presentes (cf. Sl. 71(72), 10; Is. 60, 4-7; Apoc. 21, 24). Este caráter de universalidade que condecora o Povo de Deus é um dom do próprio Senhor, pelo qual a Igreja Católica, eficaz e perpétua, tende a recapitular toda a humanidade com todos os seus bens sob Cristo Cabeça, na unidade de Seu Espírito.

Diversidade dentro da unidade

Em virtude desta catolicidade cada uma das partes traz seus próprios dons às demais partes e a toda a Igreja. Assim o todo e cada uma das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e aspirando à plenitude na unidade. Daí resulta que o Povo de Deus não é só a reunião dos diversos povos, mas em sua estrutura interna é também composto de várias ordens. Pois há diversidade entre seus membros, quer de ofícios, enquanto alguns exercem o sagrado ministério a bem de seus irmãos; quer de condição e ordenação de vida, enquanto um maior número, no estado religioso, tendendo à santidade por um caminho mais estreito, estimula os irmãos com o seu exemplo. Por isso também na comunhão eclesial há legitimamente Igrejas particulares gozando de tradições próprias, permanecendo íntegro o primado da Cátedra de Pedro, que preside a assembléia universal da caridade, protege as legítimas variedades e aos mesmo tempo vigia para que as particularidades não prejudiquem a unidade, mas antes estejam a seu serviço. Daí finalmente, entre as diversas partes da Igreja há vínculos de íntima comunhão, com relação às riquezas espirituais, aos operários apostólicos e aos subsídios temporais. Os membros do Povo de Deus são chamados à comunicação dos bens, e também de cada uma das Igrejas valem as palavras do Apóstolo: "O dom que cada um houver recebido, ponde-o a serviço dos outros como bons administradores da multiforme graça de Deus" (1 Pd. 4, 10).

Todos os homens, pois, são chamados a esta católica unidade do Povo de Deus, que assinala e promove a paz universal. A ela pertencem ou são ordenados de modos diversos quer os fiéis católicos, quer os outros crentes em Cristo, quer enfim todos os homens em geral, chamados à salvação pela graça de Deus.

(Tradução de "Vozes")

Constituição Dogmática "de Ecclesia"

ga toda a Igreja, cada um e todos os crentes. É Ele o princípio de unidade na doutrina dos Apóstolos, na fração do pão e nas orações (cf. At. 2, 42, grego).

Assim, pois, entre todos os povos da terra há um só Povo de Deus, recebendo de todos eles seus cidadãos para fazê-los cidadãos de um Reino com índole não terrestre mas celeste. Pois todos os fiéis dispersos pela terra estão em comunhão com os demais no Espírito Santo, e assim "aquele que ocupa a sede de Roma sabe que os da Índia são membros seus". Não sendo, porém, o Reino de Cristo deste mundo (cf. Jo. 18, 36), também a Igreja ou o Povo de Deus que forma este Reino, nada subtrai do bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os

Bispos advertem contra

paganização da mulher

Bispos portugueses, presentes ao Concílio do Vaticano, divulgaram uma pastoral, em que defendem a família e condenam a paganização da mulher, como um dos mais alarmantes sintomas de decadência.

Analisando o sacramento do matrimônio e enumerando as obrigações dos pais e deveres dos filhos, faz a pastoral um apêlo aos homens e mulheres responsáveis para que defendam a família.

Os bispos portugueses, presentes ao Concílio Ecumênico, divulgaram no Vaticano uma carta pastoral sobre a instituição da família e na qual insistem na necessidade de defendê-la, e protestam contra o que chamam um dos "sintomas mais alarmantes da decadência de certas camadas da população: a paganização da mulher".

No mesmo documento fazem um apêlo aos homens e mulheres responsáveis de todo o mundo, mesmo aos que não professam a fé cristã, para que procurem defender a estabilidade e a boa ordem da família.

"Mesmo em países que devem à influência do cristianismo a libertação da mulher da escravidão em que ela viveu no mundo antigo, — adver-

tem os prelados portugueses, — nota-se em largos setores um regresso a conceito e práticas que constituem um repúdio dessa libertação e um novo aviltamento daquela que, por natureza, foi feita como o homem à imagem e semelhança de Deus. Ensina a história que a mulher costuma ser um dos últimos bastiões a enfrentar a carga da corrupção. Mas, quando êsse bastião se desmorona e a mulher se corrompe, pouco há a esperar da sociedade de que ela faz parte. Quando os mananciais das nascentes se envenenam que se há de esperar das águas das fontes?"

Detem-se também a pastoral na análise do sacramento do matrimônio, afirmando que o amor conjugal, para ser autêntico, implica três condições: que seja exclusivo, que seja para sempre, que seja fecundo. O amor, diz, é diferente da amizade. Esta suporta facilmente um terceiro; o amor conjugal, não.

Refere-se ainda o documento às obrigações dos casais, citando como primeira delas a educação dos filhos e aponta os deveres dos filhos com relação aos pais: estima, respeito, gratidão, obediência e até amparo material.

A uma senhora que se manifestou muito alarmada, por ver a transformação dos hábitos das Religiosas, respondia recentemente o "OSSERVATORE DELLA DOMENICA" — revista publicada na Cidade do Vaticano:

"...Como vê, minha senhora, estas grandes e "escandalosas" inovações são muito antigas, e não vale a pena fazer delas uma crise de consciência. De resto, a senhora deve saber também que foi a suprema autoridade da Igreja quem desejou, aconselhou e ordenou uma simplificação do hábito monástico. Porventura a senhora

Adatação

dos

hábitos religiosos

acredita que à testa da Igreja estejam pessoas que não têm senso da modéstia, da reserva e do respeito? Existem pessoas, minha senhora, que sabem ir além das formas, até à substância das coisas. **E a substância da vida religiosa não é o hábito, mas o espírito.** A senhora, ao contrário, se detem nas vestes

e até lhe parece que o mundo vem abaixo, se a veste muda. Sabe a senhora como se chama êste modo estreito de ver as coisas? **Chama-se formalismo, nem mais nem menos.** É uma definição pouco agradável, reconheço; mas poucas vezes como agora me calhou de aplicá-la com a mais tranquila convicção. Êste seu caso é típico, exemplar, característico dêste defeito que no fundo não é mais do que superficialidade e estreiteza mental. Não se deixe arrastar, minha senhora. O profundo senso da Igreja exige uma mentalidade aberta e generosa".

Consultório Popular

4 5 6

Quais os textos bíblicos que revelam a existência do inferno?

A punição eterna dos réprobos é afirmada diversas vezes na Bíblia, sobretudo em o Nôvo Testamento e particularmente em Mat. 25, 41: "Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e os seus anjos". Os outros textos principais são: Marc. 9, 42-48 — Mat. 13, 47-50 — Luc. 16, 19-31 — 2 Tessal. 1, 9 — Tiago, v. 13 — Apoc. 20, 10-15.

4 5 7

Ganhei os seguintes livros "Do Paraíso perdido ao Paraíso recuperado" e "O Verbo". Posso lê-los?

Não deve ler êste livros. São publicados e distribuídos pelas Testemunhas de Jeová e, devido a interpretações arbitrárias e infundadas dos textos bíblicos, só podem trazer confusão à sua mente.

4 5 8

Que tal o método de se distribuir a santa comunhão, estando os fiéis em pé? É do Concílio isso, ou inovação dos padres e frades?

Receber a comunhão em pé não é inovação do Concílio, nem dos padres, nem dos frades. É um costume antigo e que ainda perdurava até o século XVI, quando foi prescrita e imposta a comunhão de joelhos. Durante mais de doze séculos, os fiéis comungavam de pé em redor do altar ou junto aos comungatórios que se elevavam até à altura do peito. No rito bizantino, com raras exceções, êste costume foi conservado até hoje. O novo cerimonial da concelebração latina restaura êste hábito para todos os concelebrantes e ministros. O sacerdote celebrante comunga sempre de pé.

No recente decreto sobre a Comunhão sob as duas espécies é prescrita a posição de pé para o fiel que comunga.

Os mais antigos escritores cristãos nos atestam que esta era a atitude com a qual os fiéis oravam e celebravam aos domingos os sagrados mistérios, afim de recordarem o triunfo de Cristo Ressuscitado.

A restauração de certos costumes, que possam trazer aos fiéis uma compreensão melhor da Liturgia e, sobretudo, do profundo sentido pascal da celebração eucarística, está perfeitamente de acôrdo com o espírito e a letra da Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia (cf. n.º 50). Aliás como o consulente poderá observar neste mesmo número de nossa revista, o costume de comungar em pé tem a anuência do mesmo Papa Paulo VI, que o adotou ao rezar a primeira missa em vernáculo, no dia 7 de Março transato. Dez dias após esta missa, o mesmo Papa, numa alocução — que publicaremos integralmente no próximo número — referiu-se também a êste costume.

4 5 9

Pode-se celebrar missa com paramento preto em dia de domingo e dia santo?

A liturgia somente permite a missa de defuntos, com paramentos pretos, aos domingos e dias santos nos dois casos seguintes: 1) No dia de Finados, se cair em domingo; 2) Nas festas e domingos que não sejam de primeira classe, quando se tratar de missa exequial ou de corpo presente.

4 6 0

Lázaro, depois de ressuscitar, nada disse sobre a vida eterna?

Nada sabemos sobre as revelações de Lázaro ressuscitado, porque nem o Evangelho nem a História nos informam a êste respeito.

4 6 1

Qual o cerimonial litúrgico para a encomendação das crianças?

— O rito próprio para os funerais das crianças está no Ritual Romano, título VII, capítulo 7.º. De acôrdo com a determinação da Nova Constituição Litúrgica (N.º 82) o rito da encomendação das crianças está sendo revisado e, brevemente, haverá também uma missa própria para esta circunstância. O Pequeno Ritual Romano bilingüe, editado pela Lumen Christi (1958) não traz esta encomendação para as crianças, mas apenas uma leitura facultativa do Evangelho, em português.

4 6 2

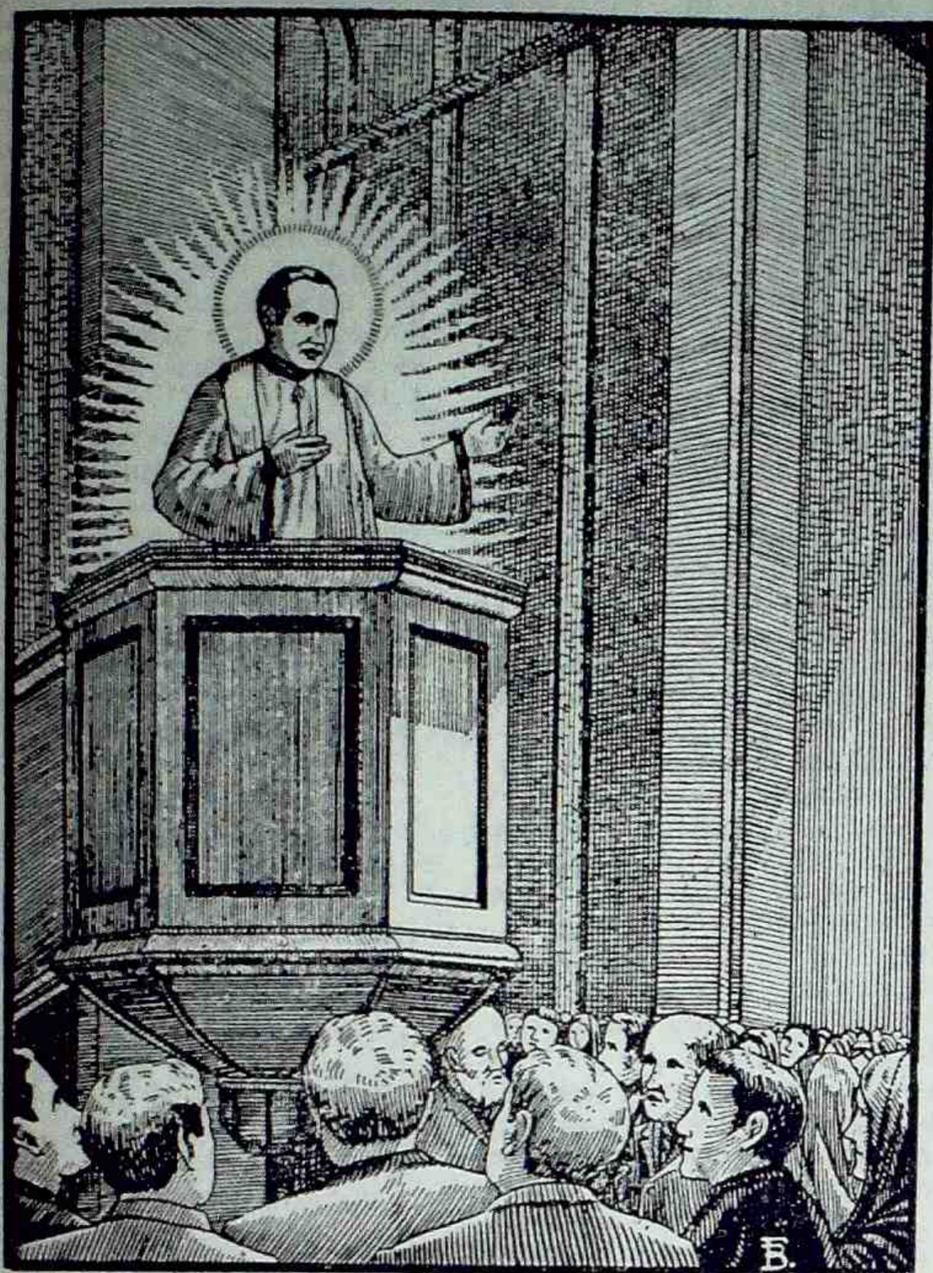
Qual a sua opinião sobre rezar o têrço durante a santa missa?

— Não se deve acompanhar a missa, rezando o têrço, nem coletiva, nem muito menos individualmente. Como insistem todos os documentos litúrgicos, desde Pio X, e sobretudo a Encíclica Mediator Dei e a atual Constituição sobre a Sagrada Liturgia, os fiéis têm a obrigação de participar ativa e comunitariamente do Sacrifício Eucarístico, unindo-se a Cristo-Sacerdote, através do ministro celebrante, e da Comunidade dos fiéis presentes, pela prece litúrgica, que é a oração oficial da Igreja. O rosário é certamente uma belíssima devoção, recomendada insistentemente pela Igreja. Mas, à semelhança da Via Sacra, das novenas, das procissões, etc., o têrço constitui apenas uma prática piedosa popular, não litúrgica, que deve — segundo a norma da nova Constituição — "orientar o povo para a Liturgia" — mas não substituí-la — "pois ela, por sua mesma natureza, supera de muito" quaisquer espécies de devoção (n.º 13).

Correspondência:

CONSULTÓRIO POPULAR
CAIXA 615 — SÃO PAULO

Santo Antônio Maria Claret em suas páginas autobiográficas



Pregador inspirado, foi visto rodeado de esplendores quando pregava. Pregou 25.000 sermões.

CAPÍTULO XIII

Coadjutor em Sallent

Terminados em Sallent êstes trabalhos apostólicos, voltei a Vich para continuar e concluir minha carreira eclesiástica.

Devido porém a guerra civil daqueles anos, não podiam os seminaristas reunirem-se no seminário. Tínhamos que estudar em particular.

E não havendo neste ínterim outro sacerdote para ir a Sallent, como Coadjutor, fui para lá enviado com êste encargo, e estudando em particular, concluí minha carreira eclesiástica.

Assim consta do certificado que recebi, ao depois, do Seminário de Vich.

Na paróquia de Santa Maria de Sallent, além do estudo diá-

rio, ocupava-me também em trabalhos ministeriais. Alternadamente com o vigário, pregava desde o púlpito nas missas paroquiais cantadas ou à tarde, após o catecismo de perseverança, todos os domingos do Advento, Quaresma e nas demais festas principais.

Após dois anos fui nomeado Vigário Ecônomo, em virtude de se ter retirado de Sallent por causas políticas o que anteriormente exercia êste cargo.

Plano de vida

Era o seguinte o meu plano de vida. Fazia anualmente dez dias de Exercícios Espirituais, costume que mantive sempre desde os anos de Seminário. Confessava-me cada oito dias

Jejuava às sextas e sábados, disciplinava-me nos três primeiros dias da semana e levava o cilício nos três seguintes.

Todos os dias, antes de sair do quarto fazia a oração mental a sós. Pela noite, juntamente com minha irmã — então terciária franciscana, e um idoso criado, fazia novamente a oração mental e rezava o têço.

Além das pregações nos domingos e festas, dava também o catecismo de perseverança todos os domingos. Todos os dias da Quaresma ensinava o catecismo na Igreja para as meninas às duas horas da tarde, e para o meninos na casa paroquial das sete às oito da noite.

Todos os dias celebrava a missa bem cedo e depois entrava no confessionário, alí permanecendo enquanto houvesse gente.

Pela tarde, dava diàriamente uma volta pelas ruas principais do povoado, sobretudo onde havia enfêrmos, aos quais, após levar o viático, visitava diàriamente até o dia em que morriam ou se recuperavam.

Caridade sem acepção de pessoas

Não fazia nunca visitas particulares. Não ia em casa de meus parentes, que eram muitos na vila. Amava e servia igualmente a todos, quer fossem pobres ou ricos, parentes ou extranhos, do lugar ou forasteiros. De dia e de noite, no verão ou no inverno, estava sempre pronto a serví-los. Ia com muita frequência visitar as casas da zona rural.

Trabalhava quanto podia. O povo sabia corresponder, aproveitava-se dos meus ensinamentos e me amava muitíssimo. Muitas vêzes me deu provas de sua afeição, que se patenteou de modo todo especial quando decidí empreender viagem a Roma afim de ingressar na Propaganda Fide com o plano de dirigir-me às missões estrangeiras.

FABIOLA

O GRANDE ROMANCE DO CARDEAL WISEMAN

Sebastião e Fabíola

Quando foram dizer-lhe que Sebastião desejava falar-lhe em particular numa das salas do pavimento inferior, seu coração pulou de alegria e concebeu agradáveis esperanças sobre o fim desta entrevista. Tal agitação não diminuiu quando, depois de se lhe haver apresentado, Sebastião lhe disse sorrindo, que apesar de bem saber quão grande era o número dos que pretendiam a sua mão, vinha, a seu pesar, nomear-lhe mais um, conquanto desconhecido, para juntar à lista.

Este ambíguo prefácio surpreendeu-a e lisonjeou-a talvez, mas bem depressa se esvaeceu a sua vaidade, quando soube que o novo pretendente era o grosseiro e estúpido Corvino.

Fábio, seu pai, ainda que indulgente e pouco hábil para conhecer as pessoas, formara já dele completo juízo no último banquete, e descrevera-o a sua filha, dando-lhe epítetos bem pouco lisonjeiros.

Afra

Sebastião, temendo mais pelo físico do que pelo moral o efeito das drogas de Afra, julgou correr-lhe a obrigação de informá-la do pacto entre os dois cúmplices na arte tenebrosa, cujo principal fim consistia em dar dinheiro a uma desavergonhada, velhaca e avara.

Nada disse, porém, do que respeitava aos cristãos na última parte do diálogo.

Deu-lhe, pois, os necessários avisos e conselhos, prometendo ela evitar as excursões noturnas da escrava mágica. Estava convencida de que Afra não tinha intenção de cumprir a sua promessa, e quando a arte misteriosa, desprezava-a completamente. As últimas palavras que Afra proferira assás lhe provavam que estava enganando a sua vítima.

Mas indignava-a lembrar-se que fôra objeto de um contrato entre duas almas tão vis e que a tinham

inculcado como uma mulher avarenta, fazendo consistir sua ventura só no ouro.

Perdão aos inimigos

— Agradeço, disse ela finalmente a Sebastião, a briosa e louvável resolução que tomastes de prevenir-me e admiro a delicadeza com que tratastes um negócio tão desagradável, bem como a moderação com que julgais todos os que nêle se acham envolvidos.

— Fiz neste caso o que faria por qualquer pessoas: poupá-la a um dissabor, a um perigo.

— Sim, o que fareis a qualquer de vossos amigos, redarguiu Fabíola sorrindo-se. Aliás, parece-me que toda a vossa vida não chegaria para as ações de bondade como a que acabais de praticar.

— Desejo que ela seja assim toda empregada. Não posso consagrar minha vida a melhor ocupação.

— Falai-me seriamente, Sebastião. Se vísseis uma pessoa que vos odeia e deseja a vossa morte acometida por uma calamidade que a sepultasse na desgraça, estender-lhe-eis acaso a mão, para salvá-la ou socorrê-la?...

— Certamente!... Deus manda ao sol e à chuva que derramem igualmente os seus benefícios sobre os seus amigos e sobre os seus inimigos. Como poderemos nós, frágeis criaturas, olhar de outra forma para a justiça?...

A estas palavras Fabíola admirou-se. Eram elas exatamente como as que havia visto no misterioso pergaminho e de moral idêntica às teorias da sua escrava.

— Estivestes no Oriente, Sebastião?! perguntou-lhe ela com vivo interesse. Foi lá que aprendestes esses princípios? Tenho comigo uma moça que é ainda escrava por assim o querer, mulher de uma virtude e moral sublimes e que me tem expendido as mesmas idéias. Ela é da Ásia.

— Não foi em nenhum país distante que as aprendi; ouvi-as aqui mesmo, nesta cidade, desde que vi a luz ainda que na sua origem, vieram sem dúvida do Oriente.

— São certamente belíssimas, abstratamente consideradas, observou Fabíola. Mas a morte nos surpreenderia antes que tivéssemos conseguido metade de seus resultados, a modelarmos por elas o nosso teor de vida. E em que melhor estado poderia a morte levar-nos, não digo surpreender-nos, do que quando nos esforçamos por cumprir o nosso dever, embora não o hajamos de todos conseguido?

Pela minha parte, continuou a dama, sou da opinião do antigo poeta Epicuro. O mundo é um banquete, que eu estarei pronta a deixar, quando tiver recebido o meu quinhão *ut conviva satur* (como conviva saciado), mas não antes. Desejo ler todo o livro da vida, e recná-lo-ei tranqüila, so quando houver lido a última página.

Conceito cristão da morte

Sebastião abanou a cabeça sorrindo-se e disse:

— A última página do livro da vida pode achar-se para nós no meio do volume, ou em qualquer parte que, ao voltá-la, vejamos escrita a palavra *Morte*! Mas nessa página, na seguinte página, começa um livro luminoso numa nova vida e este livro resplendente não tem derradeira página.

— Compreendo-vos, replicou Fabíola alegremente. Sois um valeroso soldado, e falais sempre como um bravo. Deveis estar sempre preparado para a morte, que mil aventuras vos podem ocasionar: nos raras vezes a vemos aproximar tão de repente. Para nos, entes fracos, ela se nos dirige sempre mais compassiva, doce e vagarosa. Quanto a vós, esperais, por certo, mais gloriosa sorte. Pensais em morrer com o peito transpassado de flechas inimigas e cair, coberto de honra, no campo da batalha. Vós desejais a pira fúnebre do soldado, abrilhantada com os troféus que a honra lhe levanta. Para vós se abrem, depois da morte, as páginas brilhantes do livro da glória.

(Continuará)

— Ah, querido, como seria sua vida sem mim?
— Muito menos cara.

★

— Mamãe, por que o papai é careca?
— Porque pensa muito, benzinho.
— E a senhora, mamãe, por que tem tanto cabelo?
— Menino! Vai brincar no quintal...

— O pequeno, sacudindo a avôzinha:
— Vovó! acorda, vovó! Está na hora de tomar o remédio que o dr. José deu para a senhora dormir.

★

— Admiro-me, Fernando, de vê-lo há 20 minutos preso ao telefone sem nada dizer.
— Estou falando com minha muher...

DONNA INFANTIL



REGINA MELILLO DE SOUZA

Cercado de amigos e curiosos, Maneco fungava, gesticulando:

— Ele há de me pagar. Na primeira ocasião, esborracho-lhe o nariz. Vocês hão de ver!

Joãozinho que voltava da confeitaria, se aproximou admirado:

— O que aconteceu?

— Foi o Zéca, explicou o Cazusa. Mandou uma corôa de cravos de defunto para o Maneco.

— E daí?

— Tudo teria passado despercebido se não fôsse o bilhete.

— Que bilhete?

— Um pedacinho de cartão onde o Zéca escreveu que aquilo que era para o entêrro do Corinthians.

— Não seja bôbo, Maneco! Você vai fazer conta disso? perguntou Joãozinho procurando acalmá-lo.

Maneco fungou, ainda mais.

— Bôbo foi ele em me provocar! Mas hei de ensiná-lo, — disse, numa carantonha de valentão. Ele vai saber que comigo não se brinca. Nem com o meu "time". Com um simples murro, eu o reduzo a pó.

Joãozinho não pareceu se impressionar com aquelas ameaças e enquanto os outros se dispersavam, comentando o fato, ele perguntou:

— Gosta de pão doce?

O outro cuidou de esquecer as mágoas e perguntou, já meio interessado:

— Gosto, sim. Por que?

— Mãe mandou comprar um bem fôfo e macio, para o café. Venha comigo provar algumas fatias, "corintiano".

Era melhor um gostoso café com leite e boas fatias de pão doce lambuzadas com manteiga, do que estar ali a se aborrecer com a piád. do Zéca. Isso ficaria para depois, para o primeiro dia que o avistasse.

E o Maneco seguiu ao lado do Joãozinho depois de estraçalhar o bilhete recebido, como se ele tivesse culpa do acontecido...

A casa do Joãozinho não ficava longe mas era preciso atravessar a rua e seguir pela avenida umas quadras mais adiante.

Já haviam caminhado um pouco quando Joãozinho propôs, ao passar pela Igreja:

— Entremos um pouco. O tempo exato para rezarmos um Pai-Nosso.

Maneco não extranhou. Adquirira com o amigo, o costume de entrar na Igreja ao passar por ela.

— Não custa nada! dissera o Joãozinho. A gente reza um pouco ou pelo menos cumprimenta Jesus que lá está à nossa espera.

No templo não havia ninguém e um grande silêncio envolveu os dois. Joãozinho ajoelhou-se diante do sacrário. Maneco o acompanhou meio distraído.

O cheiro do pão-doce fazia-lhe cócegas no estômago. Quase não podia esquecê-lo. Almoçara pouco, naquele dia. Dia aziago, com a derrota do seu "time" a atravessar-lhe a garganta, e partir-lhe o coração.

De cabeça baixa Joãozinho continuava a rezar e Maneco lembrou da oração. Começou então a recitá-la baixinho:

— Pai-Nosso que estais no céu...

Quando saíram da Igreja, Maneco não pensava em mais nada a não ser no Pão-doce, enfeitado de passas e tão macio e fôfo como um pão-de-ló. Uma gostosura!

— Amigo formidável, êsse Joãozinho! pensou ao entrar em casa.

E foi com um sorriso que se refestelou na cadeira ao lado da mesa onde havia um café fumegando e um leite bem quente para receber o gostoso pão-doce que ali estava a desafiar suas "lombrigas"...

Depois do lanche os dois foram ao jardim e sentados à sombra das jaboticabeiras que começavam a florir, conversaram. Maneco ia voltar ao assunto daquele dia e recomeçar suas queixas contra a pilheria que sofrera, quando Joãozinho o interrompeu, perguntando:

— Quando você reza, presta atenção no que diz?

— Ora essa! Porque me pergunta semelhante coisa?

— Gostaria de saber... Quando a gente reza, fala com Nosso Senhor, não é?

— Certamente! Fala com Nosso Senhor — afirmou o outro, procurando entender até onde Joãozinho queria chegar.

A hora era propícia e Joãozinho não esperou mais:

— Você rezou, na Igreja, o Pai-Nosso?

— Rezei, sim!

— Lembra-se então do que disse?

— Ora, Joãozinho! Porque não haveria de lembrar? Rezei o Pai-Nosso. Não foi o que combinamos?

— Foi, sim. Por isso me admiro de sua coragem!

Maneco olhou para êle, meio desconfiado:

— O que há, atrás disso, Joãozinho? Que coragem há em se rezar o Pai-Nosso?

— Vejo que você não perdoou o Zéca...

— Isso nunca! Quando o avistar dou-lhe uns bons sopapos! Mas o que tem a ver a minha vingança com a oração? E que história é essa de coragem?

— Quando rezamos o Pai-Nosso, dizemos a Deus: perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

— Eu sei.

— Já imaginou o que aconteceria se Deus o perdoasse como você perdoa o Zéca, hein?

Aquela pergunta ficou atravessada na garganta do Maneco. Mais atravessada do que a derrota do seu "time"...

Naquela noite a avó do Maneco encontrou a corôa de cravos ao lado dos seus livros.

— O que é isso? perguntou.

— Uma brincadeira do Zéca! disse êle, explicando tudo.

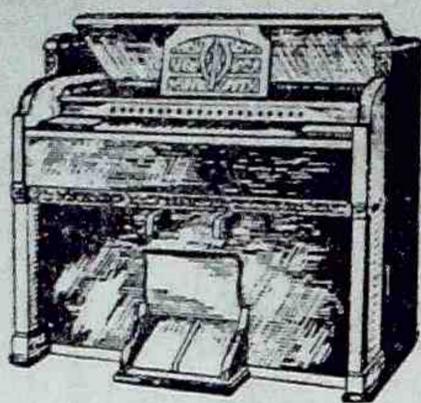
— Êsses rapazes gostam de brincar! retrucou a vovó, achando graça.

— É... disse o Maneco, mas sabe, vovó? Se aprendessem a rezar como gostam de brincar, o mundo seria outro!

Dona Maria olhou para êle admirada e foi mais tarde dizer ao vovó:

— Engraçado! O Maneco parece um filósofo!...

...E contou a história dos cravos amarelos.



CASA MANON S.A.

MÚSICA E INSTRUMENTAIS

Tudo em Música — Tudo para Música
Harmônios — Instrumentos de Sôpro
Harmônicas — Músicas

Vendas a prazo — Peça catálogos

Rua 24 de Maio, 242 — Cx. Postal, 568
SÃO PAULO

DIABETES

Finalmente descoberto um novo tratamento para os diabéticos do mundo inteiro, graças ao uso do

COPO MEDICINAL

O COPO MEDICINAL, agora também em pó, representa um grande avanço da Ciência, no tratamento do DIABETES, mal até hoje tido como incurável. Tem ainda eficácia comprovada para enxaquecas, males do estômago, fígado, intestinos, e uma ação equilibradora na pressão sanguínea. Este tratamento, além de não ter nenhuma contra indicação, pode ser usado por pessoas de qualquer idade. Centenas de diabéticos tendo feito o uso exclusivo deste novo tratamento, obtiveram em pouco tempo melhoras notáveis e o desaparecimento total dos sintomas característicos da doença. É na verdade um fato inacreditável.

Preço para todo Brasil, Cr\$ 1.500,00 — Atendemos pelo reembolso postal. — Descontos para revendedores. — Pedidos e Informações:

Distribuidora Copo Medicinal — Caixa Postal, 11

CARANGOLA — MINAS GERAIS — Brasil



Grande depósito atacadista de
MEIAS — CAMISETAS — LENÇOS — TOALHAS
Imenso e variado estoque de meias das mais afamadas marcas.

Despachamos por reembolso para todo o país. — Peça-nos prospectos com relação de preços.

MILHÕES DE MEIAS

Rua 25 de Março, 564 — SÃO PAULO — Fone 32-7581

Novamoda

onde o artigo é melhor e o preço é SEMPRE menor

SAIAS
BLUSAS
VESTIDOS

fabricação própria e modelos originais

DISTRIBUIDORES DE

BLUSAS E
LINGERIE
VALISERE



PRAÇA DA SÉ, 46
São Paulo

Não se atende pelo correio



LIMPEZA
ECONOMIA
RAPIDEZ

FORNO
ELÉTRICO

Dimensões:
50x36x32 cm.

LAYR
TODO DE AÇO INOXIDÁVEL
ULTRA ECONOMICO

Preço Cr\$ 62.000

Vendas diretas pelos fabricantes

J. RYAL & CIA. LTDA.

RUA APA, 51

FONE 52-8673 — SÃO PAULO